

RETRATOS DA MODERNIDADE

PORTRAIT OF MODERNITY

Glória Cristina Maciel Moreira

Acadêmica do curso de História e bolsista de Iniciação Científica da FAED/UDESC.

E-mail: gloriamoreira@gmail.com

Marília Gabriela Petry

Acadêmica do curso de Pedagogia e bolsista de Iniciação Científica da FAED/UDESC.

E-mail: marília_petry@yahoo.com.br

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: Espetáculos da Modernidade do Século XIX**. EDITORA HUCITEC: São Paulo, 1997.

Inseridas numa época em que a burguesia se consolidou como classe dominante, as exposições universais representaram e simbolizaram o imaginário progressista. Além de dar conta de expor as inovações tecnológicas, que surgiam em profusão, vinculavam ideais capitalistas universalizando as conquistas da modernidade. É nesta perspectiva que Sandra Jatahy Pesavento escreveu “EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: Espetáculos da Modernidade do Século XIX”. Num texto marcado pelo bom humor e num quase jogo de sedução, a autora discorre sobre as exposições realizadas no século XIX, qualificando-as como vitrines de ideais modernos.

Utilizando-se dos conceitos de fetiche de Marx¹ e fantasmagoria de Benjamin², Sandra Pesavento desenvolve as idéias apresentando as exposições como lugares onde as tecnologias se configuravam como facilitadoras da vida, e o progresso, passível de ser verificado.

Após ler o contexto e histórico do tema, o leitor é apresentado a cada uma das exposições realizadas entre 1851 e 1900, recorte temporal específico deste trabalho que se propõe à análise do século XIX, bem como as cidades-sedes, os países que se fizeram presentes e os produtos levados por cada um deles.

Concomitantemente ao avanço científico-tecnológico, verificou-se a realização periódica de exposições universais nesse século, alternando-se entre a Europa e os Estados

¹ Segundo a autora, Marx entendia que as mercadorias produzidas pelo homem adquiriam um caráter de dissimulação, encobrendo pela aparência “a essência das relações sociais subjacentes ao processo produtivo”.

² Ainda em concordância com a autora, Benjamin apropria-se do conceito de fetiche e cria o de fantasmagoria, que corresponde ao encobrimento do valor de troca da mercadoria pelo seu valor de uso.

Unidos, sempre em cidades proeminentes e em datas comemorativas nacionais dos países-sedes.

O Brasil esteve presente em oito dessas exposições, valendo-se primeiramente de prévias nacionais, com o intuito de classificar os produtos que seriam expostos internacionalmente. A elite esforçava-se por levar uma imagem que fosse positiva e compreendia que a participação brasileira seria importante tanto para a expressão de suas potencialidades quanto para os negócios que dali poderiam advir. Porém, a parte do evento aqui organizada nunca deixou de ser vista como peculiar e exótica aos olhos de países ditos “avançados”.

Enquanto se festejava a modernidade com grandes espetáculos tecnológicos – tais como os avanços da Revolução Industrial, máquinas a vapor para as mais variadas finalidades e, posteriormente, a eletricidade, o telefone, e até mesmo o cinematógrafo, prévia do cinema como o conhecemos hoje – o Brasil expunha artigos de sua economia agrária, alguns manufaturados e outros artesanais, com destaque para o café, velas, carne, algodão, madeira, tecidos e até mesmo plantas e animais tidos como exóticos de sua tropical flora e fauna. Destacamos, entre os inusitados artigos levados pelo Brasil, uma vitória-régia exposta com pompa.

Percebe-se na leitura que, no decorrer dos anos, a exposição perdeu muito do seu caráter pedagógico “de instruir, de fazer conhecer o novo, de vulgarizar o conhecimento científico e abrangê-lo em todos os seus ramos e facetas, numa verdadeira preocupação enciclopedista” (PESAVENTO, 1997, p. 123), prevalecendo o lado lúdico e de entretenimento, à medida que se acirrava uma concorrência entre os países organizadores em busca de uma perfeição e na tentativa de sobressair-se sempre à exposição anterior. Cada vez mais as comissões organizadoras preocupavam-se com espaços físicos e atrações para o divertimento dos visitantes, o que gerava críticas dos mais conservadores.

Se por um lado Sandra Pesavento nos fala dos avanços da modernidade, a autora não deixa de citar o outro lado da moeda. Por trás da exaltação ao progresso e à modernidade, os problemas sociais advindos do capitalismo e da exploração da mão-de-obra eram evidenciados através de protestos e mesmo boicotes que os operários promoviam, inclusive durante as exposições. Dentro desse contexto, verifica-se uma preocupação das elites em oferecer escola para os funcionários das fábricas e seus filhos, com a finalidade de instaurar uma boa relação entre as famílias e os patrões, uma vez que o ensino se voltava à formação de um “bom cidadão ajustado ao sistema”.

É possível ainda ver alguns marcos deixados por essas vitrines da modernidade. A Torre Eiffel ergue-se majestosa em Paris, construída especialmente para a exposição de 1889, e a Estátua da Liberdade, presente ofertado pela França aos Estados Unidos por ocasião do centenário de independência deste país em 1876, fulguram como monumentos, símbolos de uma época em que se acreditava na ascensão do progresso rumo à sociedade do bem-estar.

O texto traz ainda curiosidades retratando acontecimentos em torno das exposições, tais como charges, manuais de boa conduta, notícias de jornais e comentários de autores consagrados da época.

Finalizamos trazendo à cena palavras da própria autora: “Neste mundo dominado pela fantasmagoria, o espetáculo da modernidade armaria o próprio palco para demonstrar a exemplaridade do sistema: as exposições universais” (PESAVENTO, 1997, p. 41).

Para saber mais sugerimos as seguintes leituras:

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas:** a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da Nação, do Progresso e da Tecnologia: a Exposição Universal de Filadélfia de 1876. **Anais do Museu Paulista.** v. 2. São Paulo, 1994 (p. 151-67).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nós e Os Outros: As Exposições Universais e o Imaginário Europeu sobre a América. In: Bessoni, T. M. T.; Queiroz, T. A. P. de (Orgs.). **América Latina:** Imagens, Imaginação e Imaginário. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997 (p. 557-67).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Imaginário do Progresso: As Representações da Máquina na Exposição Parisiense de 1855. In: Blanj, I.; Monterio, J. M. (Org.). **História e Utopias.** São Paulo: ANPUH, 1996 (p. 154-71).

Recebido: Outubro/2008
Aprovado: Fevereiro/2009